

Não sei, si de parte do paciente não haveria exaggero na apreciação dos resultados colhidos, mas é facto que suas declarações foram absolutamente espontaneas e me chegaram ás mãos, sem serem esperadas. Verbalmente o velho-moço ainda nos referiu varias minuciosidades que deixo de reproduzir, por não as ter de memoria de tal modo que possa garantir sua absoluta veracidade. Acho, porém, que a reproducção do agradecimento é sufficiente para mostrar os bellos resultados obtidos na primeira operação de Steinach realisada neste Estado e quiçá no Brasil.

Actualmente o "rejuvenescido" está em viagem de recreio para sua patria. Despedindo-se de mim, fel-o com as seguintes palavras:

"Foi bom termos operado só um lado.

Por enquanto não necessito de mais. Mais tarde, em caso de necessidade, poderemos então operar o outro lado".

LINGUAGEM MEDICA

pelo Dr. Raul Pilla

ASSESTAR

Frequente é o emprêgo, entre nós, do verbo **assestar**, no sentido de *localizar*, *situar*. Assim, quando se quer dizer que um tumor está situado no fígado, afirma-se que está *assestado*, e não, *posto*, *situado*, *localizado* naquelle *órgão*. Numerosos exemplos de tal prática poderia eu citar, se valesse a pena rebuscar livros e revistas.

Evidente, entretanto, é o erro que tal uso envolve. **Asses-****tar** nunca teve na lingua portuguesa o significado que o nosso calão médico lhe quer emprestar. Nem por extensão, movimento próprio e característico das palavras vivas, se poderia explicar a applicação que se está dando ao vocábulo.

Com effeito, muito diferente é na realidade o significado verdadeiro da palavra e dêle não há transição possível para a acepção, em que a estamos empregando em medicina. Vejamos o que consignam os dicionários da lingua.

Diz Figueiredo: "*Assestar*, verbo transitivo — apontar, dirigir contra alguma cousa. (B. latim *assistare*, de *ad* + *sistere*).

Refere, de maneira ainda mais clara, Caldas Aulete: "*Assestar*, verbo transitivo — apontar (diz-se das bocas de fogo e das cousas que com elas se comparam); pôr na direcção de: "Tomé, de óculos assestados, virou-se para a matrona e perguntou-lhe em voz açucarada (Rebêlo da Silva)."

"*Assesto*, substantivo masculino — acto de assestar, pontaria."

Bastam estas citações, creio eu, para demonstrar o erro, em que incorrem os que dizem e escrevem: *o tumor*, *a lesão estava assestada em tal parte*.

Na há afinidade nenhuma entre as duas acepções, a normal, e a que lhe emprestaram: uma implica direcção, movimento *para um lugar*; a outra permanência, sede, *lugar onde*.

Assestado pode estar um binóculo, um telescópio, mas uma lesão em caso nenhum poderia estar assestada. **Situada**, **assentada**, **posta**, **localizada** é que póde e deve estar.

Como explicar, porém, o vicioso emprêgo daquelle termo, se tão distanciado está êle da verdadeira significação da palavra?

Parece não oferecer dificuldades a explicação. Empregam os franceses no mesmo caso o substantivo *siège*, assento, e o verbo *siéger*, assentar, ter assento.

Semelhantermente, dizemos em português: *a aldeia assenta ou está assentada nas faldas do monte*; como poderíamos dizer

também: *o tumor assenta ou está assentado na região mamária*.

Entre *assentar* e *assestar*, a confusão é fácil, mas nem por isso justificável, quando se trata de pessoas cultas. Dest'arte se explicaria o erro de enpregar **assestar** por **situar**, **localizar**, **pôr**, **assentar**, etc., erro que merece ser corrigido, a bem da nossa cultura.

CORTEX E CORTICA

A duas considerações se presta o vocabulo **córtex**, empregado geralmente para significar a camada superficial e cinzenta do cérebro: uma relativa á forma e outra relativa ao género.

Córtex, gen. *corticis*, é em latim um nome da terceira declinação, e de género masculino, como o são também os seguintes nomes de idéntica terminação: *apex*, *grex*, *index*, *podex*, *vertex*, *vibex*, *vortex*.

Sem embargo, porém, de ser masculino em latim, alguns médicos o fazem feminino em português, dizendo **a córtex**. Nada existe, que autorize semelhante uso. Masculino deve ser este vocábulo pela sua etymologia, como masculinos são também *index* ou *índice*, *pódice*, *vértice*, etc.

Os dicionários da lingua não registam o vocábulo, mas, a sancionar a doutrina, sustentada já por Cândido de Figueiredo e Plácido Barbosa, basta um exemplo de Herculano, que, no "Eurico", empregou a palavra no género masculino.

Parece, pois, que, quanto ao género, nenhuma dúvida mais devera subsistir: é **o córtex** e não **a córtex**.

Quanto á forma, muitissimo preferível a **córtex** é **córtice**, de acôrdo com as leis gerais de derivação.

Com effeito, os substantivos portuguezes de origem latina provêm geralmente do acusativo: *idade*, de *aetatem*, *leão*, de *leonem*, *leões*, de *leones*, etc. Exceptuam-se apenas poucos substantivos, geralmente de formação erudita, como *atlas*, ou nomes próprios, como *Apolo*, *Juno*, *Cícero*, *Cartago*, *Nero*, etc.

Ora, o acusativo **corticem** só poderia dar em português **córtice**, como **verticem** deu **vértice**, **apicem** deu **ápice**, **podicem** deu **pódice**, etc.

Verdade é que, por ser **cortex** um termo erudito, se lhe poderia invocar a derivação do nominativo e não a do acusativo. Mas aquella derivação não é a geral e tem ainda o inconveniente de deixar algumas vezes ás palavras uma forma pouco acorde com o génio da lingua. Antes que incorporar-se e identificar-se ao idioma vernáculo, permanecem elas encravadas, como verdadeiros corpos estranhos.

Latex, *vertex*, *index*, *pontifex* etc. serão em verdade vocábulos portuguezes ou, antes, latinos? Evidente é que latinos.

Mas, ainda que assim não fôsse, porque dizer *cortex*, quando se diz *índice*, *ápice*, *vértice*, *pódice*, *vórtice*, etc.?

Assim, evidente se torna que a verdadeira forma portuguesa é **o córtice** e não **o córtex** e, menos ainda, **a córtex**.

Dêste parecer é Plácido Barbosa, quando diz, em seu Dicionário: "*cortex* poderia ser aportuguesado com a forma **córtice**, no género masculino, como já se fez para *índice*, etc...; o género feminino é que se não deve dar nem a *córtex*, nem a *córtice*."

Mas, como em tudo deve haver justa medida, não parece que se deva ir além disto, como faz o prof. Austregésilo, dizendo não mais **córtice**, mas **cortica cerebral**.

Cortica é um vocábulo de formação popular, derivado de *cortex*, e corresponde ao italiano **corteccia**. Os italianos dizem indifferentemente *corteccia* ou *cortice cerebrale*. Parece, pois, que em português também não ficaria mal dizer **cortica cerebral**.

Mas *corteccia* é em italiano um termo de sentido mais largo que o português *cortica*. *Corteccia* é sinónimo de *scorza*.

casca, e se aplica a toda e qualquer casca, por consequência também ao estrato superficial, à casca do cérebro. *Cortiça* tem já em português um sentido muito mais estreito, significa apenas a casca do sobreiro e certas outras árvores: *rolha de cortiça*, *cinto de cortiça*, etc. Sem forçar muito as cousas, não se poderá pois dizer **cortiça cerebral** em vez de **córtice cerebral**.

Fiquemos, pois, em o **córtice** cerebral, que ficamos bem.

FROTTIS

A respeito d'este vocábulo francês, tão vulgar e corrente em nossa língua, diz o ilustre dr. Plácido Barbosa, em seu excelente dicionário:

“**Frottis** (fr.) s.m. (derivado de *frotter*, esfregar) — em tecnologia microscópica dá-se este nome ao preparado que se obtém esfregando sobre uma lâmina a substância a examinar. A extensão deste termo à linguagem médica parece-nos ter a sua origem menos na significação do seu radical, do que na analogia do seu sentido na arte da pintura, onde quer dizer a camada delgada de tinta ou verniz, que se aplica sobre um quadro. Por isso mesmo o termo *esfregação*, s.m., empregado pelo Instituto Osvaldo Cruz para traduzir *frottis*, foi um achado felicíssimo, pois *esfregação*, em português, tem na arte da pintura o mesmo significado de *frottis*.”

“Tinhamos a princípio traduzido *frottis* por *esfregadura*, que é tradução boa e própria, mas *esfregação* é certamente equivalente mais completo.”

Termo apadrinhado por tamanhas autoridades teria forçosamente que vencer; assim, pode-se êle considerar hoje como geralmente adoptado, a não ser apenas pelos galicizaras incorrigíveis.

Um defeito, porém, lhe poude notar o sr. Dr. R. M., em artigo publicado no último número desta revista.

Esfregação é uma palavra derivada do verbo **esfregar**, mediante o sufixo **ação**, “que em português indica acção enérgica, às vezes violenta, e também aumento; indicações estas bem impróprias para significarem o levíssimo contacto de uma nica de figado ou de baço, com fina lâmina de vidro, até produzir-se uma *mancha*, que deve ser submetida a processos especiais de fixar e corar.”

Judiciosa é a observação, comprovada por dezenas de vocábulos formados com o mesmo sufixo e que todos dão idéa de um acto forte e enérgico. Aceita, portanto, a impropriedade do termo **esfregação**, cumpria procurar-lhe sucedâneo.

Foi o que fez, o Dr. R. M. Partindo do radical do verbo latino **fricare**, lembrou-se de juntar-lhe um sufixo diminutivo (para bem exprimir a delicadeza da operação) e assim formou uma longa série de palavras, onde só haveria o embaraço da escolha: *fricacho*, *fricelho*, *fricolho*, *fricela*, *fricete*, *friceta*, *fricoto*, *fricito*, *fricula*, *fricato*, *fricola*, *fricinho*.

Não parecem, porém, grandemente satisfatórios os vocábulos propostos e é o próprio propONENTE quem no-lo diz:

“Mas, como está firmado que se procure a fonte grega para a feitura dos termos scientificos, é preciso examinar, nessa língua, qual o tema para designar o atrito (leve); e qual o sufixo que indica o resultado de uma acção, incluindo também a ideia de diminuir.”

“Eis o que cabe fazer a algum competente, se não fôr encontrado o termo português que signifique o *frottis*, ou lhe equivalha.”

Ora, parece que, sem recorrer ao grego, se pôde encontrar vocábulo mais adequado que *esfregação*. Lembro **esfregado**, que, possuindo o mesmo radical, apresenta todavia uma forma mais aceitável.

Esfregado é o participio passivo de esfregar e, como tal, pode ser substantivado, designando o *resultado da acção*. Dir-se-há, pois, *um esfregado de baço*, *um esfregado de figado*, com a mesma propriedade com que se fala em *precipitado*, *preparado*, *filtrado*, *dialisado*, etc.

Parece, portanto, que o termo proposto exprime bem o objecto, não apresenta os inconvenientes apontados pelo Dr. R. M., e tem ainda em seu favor a analogia com outros vocábulos, usados na linguagem scientifica: *precipitado de enxofre*, *preparado de ferro*, *preparado microscópico*, *extracto de digital*, *soluto alcalino*, *filtrado*, etc.

Salvo melhor alvitre, poder-se-há, pois, dizer **esfregado**, em vez de **esfregação**; poder-se há fazer, preparar, fixar, corar *um esfregado de órgão*.

ACTUALIDADES MEDICAS

Diagnostico radiologico dos tumores do hypochondrio esquerdo — L. Mallet R. Collez — (Journ. de radiologie-Fév. 1922.)

Trad. pelo prof. Nogueira Flôres

Todos os clinicos conhecem a difficuldade do diagnostico dos tumores do hypochondrio esquerdo. Si pudesse-mos fazer uma estatística dos erros revelados na autopsie ou na intervenção, ter-se-ia uma parte importante, sem duvida, nas affecções desta região.

A simples clinica, é com effeito muitas vezes incapaz com a confusão dos signaes physicos, e com a variedade das localisações possiveis, decidir da sede da lesão. Os innumerados erros tem sido commettidos na esplenomegalia, qualquer que tenha sido a causa e em todos os tumores do abdomen: cistos do lóbo esquerdo do figado, tumores do rim e hydronephrose, cistos e lipomas do mesenterio, cistos do ovario e fibromas do utero.

“Sem duvida, dizem le Dentu e Delbet, baço augmentado de volume, quando não deixou o hypochondrio esquerdo é reconhecido na fórma, na extensa maciszez e nas incisuras caracteristicas do seu bordo cortante. Porém, o diagnostico differencial das lesões esplenicas com as do rim esquerdo são de frequentes erros. Apesar da historia clinica, as hematurias, o varicocele, a separação das urinas, ha em clinica doentes entre os quaes o diagnostico é quasi impossivel, antes da intervenção ou da autopsie.”

Para Legueu, quando o tumor do hypochondrio é pouco volumoso, é ainda assaz facil reconhecer na sua situação e nas suas relações, como dependendo do rim. Porém, é muito mais difficil, quando o tumor é volumoso. Apesar da sua relação lombar, não se pode affirmar que seja renal, porque outros tumores do figado, do baço tem esta relação lombar e apresentam o mesmo rechaço.

Mas, se, já as difficuldades são grandes, quando os órgãos estão no lugar, quantas surpresas não se encontra quando o rim ou o baço deixaram a sua loja e vem se immobilisar em região mais ou menos afastada. Tem-se encontrado o baço na região umbilical, nas fossas iliacas direita e esquerda, na pequena bacia e até no sacco de hernias inguinaes (Ruysch, Bamberger). Os bagos pelvianos tem sido tomados por cistos do ovario (Péan, Potherat), por fibromas do utero (Pozzi, Walther). Em um caso de Lejars julgava-se um tumor do mesenterio e se tratava de um baço com o pediculo torcido; Castagnary (1911) referio a observação de um baço fixado na fossa